

1-6 JUL 1985

CONFERIA BRASILEIRA

Passeio no Alvoradão

O presidente José Sarney reúne-se, amanhã, com os governadores em busca de apoio para endurecer com o Fundo Monetário Internacional. O encontro será um marco em seu governo, forem quais forem as conseqüências. Homem sereno, até acusado de indeciso, por vezes, o Presidente da República deve ter meditado muito sobre o que fará. É bom que o tenha feito para não cometer o erro do anúncio apressado da reforma agrária, que ampliou o conflito rural, em vez de resolvê-lo, e afetou a produção, apesar dos esforços do ministro Pedro Simon, da Agricultura, dos melhores deste Governo.

A consciência nacional é contra os juros extorsivos que pagamos pelos empréstimos externos, muitos dos quais obtidos para satisfação da megalomania de certos governantes, empenhados em por o nome na placa inaugurativa da obra do século. A estrutura da dívida externa deve ser analisada para que a Nação identifique melhor os que, por vaidade pessoal, a endividaram irresponsavelmente.

Quase todos os governadores que estarão com o Presidente da República solicitaram empréstimos mesmo sabendo que os Estados não têm condições de pagar. Alguns deles foram acusados de pleitear os recursos para jogá-los na próxima campanha eleitoral. São freqüentes as denúncias de que os empréstimos não são aplicados corretamente, mas ninguém as investiga porque é mais fácil condescender. Defendem-nos os tecnocratas alegando que a União fica com os dólares e paga aos Estados em cruzeiros desvalorizados. O trambique é, pois, uma forma de Governo.

As vésperas da reunião, os governadores, em sua maioria, deram uma aula do que consideram administrar, nomeando milhares de pessoas. A imprensa oficial não deu conta dos atos de nomeação, alguns por demais explícitos: fulana de tal, parente de sicrana, indicada por beltrano. Este o critério predominante. Amanhã, porém, os governadores estarão unidos para responsabilizar o explorador estrangeiro. Entre uma dose de uísque ou talagada de cachaça, liberada pelo

ministro da Cultura, acusarão o FMI por todos os erros cometidos nesta República balzaquiana.

O ministro da Fazenda, que não tem medo da impopularidade e, por isto, enfrenta com firmeza a atual crise econômico-financeira, deve ver com receio a confraternização marcada para o Alvoradão. O empreguismo nos Estados aumentará o déficit público, mas os governadores não se importam porque o cofre da União é inesgotável. Quantos Estados arrecadam o suficiente para pagar seu funcionalismo. Dois ou três, no máximo, o servidor da Assembléia das Alagoas que recebia Cr\$ 75 milhões é bom exemplo do descabro existente.

O presidente Sarney quer enfrentar o FMI. Ótimo. Contudo, é preciso antes combater nossas deficiências e corrigi-las sem medo de perder o apoio decorrentes das circunstâncias em que morreu Tancredo Neves. Os cortes nos excessos das estatais para diminuir o déficit foram uma farsa. É significativo que as despesas com pessoal, que percebem melhor do que na administração direta, devam crescer em 274 por cento, superior ao índice inflacionário previsto.

O endurecimento com o FMI satisfaz nosso ego e empolgará os menos avisados. Será bom saber que o Presidente da República, com apoio dos governadores, poderá afirmar depois de brilhantes debates: "Go home, FMI". Além de ficar a Pátria livre, sem que ninguém haja morrido pelo Brasil, teremos encontrado o culpado de todos os males, o FMI, o Judas de nossa época. Não será preciso analisar a questão com seriedade, mais sim exarcebar o emocionalismo com apelos nacionalistas. O povo aplaudirá.

Pena que, para reunião tão austera, não cheguem os governadores no Alvoradão, ônibus-leito, com ar condicionado e mesinhas para utilidades diversas, comprado pelo governador Franco Montoro, o idealizador do encontro, para suas viagens paulistas.

JOÃO EMILIO FALCÃO